

Apresentação

Mulheres plurais: o corpo/corpus nas dimensões de(s)coloniais

4

Para a poeta Elisa Lucinda, “escrever é um modo novo e antigo de ver, de perceber a elaboração do pensamento sobre um sentido, enquanto testemunha-se o imponderável do acontecimento dos fatos.” A poeta ainda afirma que “a palavra fotografa, mas não é um retrato. Nada tem de estática, nunca mais.” E por não ter nada de estática - mesmo que os discursos hegemônicos e centralizadores ainda afirmem o contrário -, a palavra, cada vez mais, está sendo dita, escrita, vivenciada por aqueles e aquelas que, muitas vezes, estão à margem dos eixos, dos centros, dos padrões, das preponderâncias. Diante disso, acreditamos que haja na literatura, sobretudo no contexto diaspórico e contemporâneo, singularidades estéticas e temáticas expressivas, como o enfrentamento ao discurso colonizador, o remanejamento da identidade feminina, o corpo em confronto com as relações ditas patriarcais e coloniais, a desmistificação da representatividade do corpo não branco subalternizado, a retomada de uma subjetividade ancestral e mítica, entre outras diversas possibilidades criativas, teóricas e analíticas.

Com a chamada “Mulheres plurais: o corpo/corpus nas dimensões de(s)coloniais”, a Revista Landa propôs se debruçar sobre temas como discurso e lugar de poder nas corporeidades de autoria feminina não-branca, continuação/quebra da hegemonia masculina, linguagens artísticas e culturais e a função social/política, etc. Assim, o atual número possui nove artigos que, além de abordar as questões levantadas na chamada, perfazem uma espécie de percurso histórico ao longo do século XX até esse primeiro quarto do século XXI.

5

Iniciamos a leitura com o artigo “A presença indígena na obra de Nísia Floresta”, no qual Marina dos Santos Ferreira aborda o tema com o foco principal no romance *Dedicação d’uma amiga* (1850), relacionando-o, porém, tanto com *A lágrima de um Caeté* (1849) quanto com *Opúsculo humanitário* (1853). Trata-se de uma leitura aprofundada sobre uma das grandes escritoras feministas do século XIX. Depois desse começo, avançamos mais de meio século e chegamos àquela que abre algumas trincheiras inéditas na literatura brasileira: Carolina Maria de Jesus. Júlia Bragatto Grobério e Eneida Leal Cunha no artigo “Carolina Maria de Jesus e a resistência ao epistemicídio”, fazem uma leitura sobre como *Quarto de Despejo* é uma escrita de resistência racial e de gênero na literatura brasileira. Por outro lado, Lucas Garcia Nunes e Silvana Martins dos Santos apresentam outra faceta de Carolina Maria de Jesus: a sambista. O texto analisa o disco, também chamado *Quarto de despejo*, no qual Carolina canta suas composições. Trata-se de uma obra que propõe um diálogo entre literatura, oralidade e samba, tendo sempre como base as premissas de resistência cultural e afirmação da identidade negra feminina, tão caras à Carolina Maria de Jesus.

Seguindo nosso fluxo de leitura, Luma Ohanna Rodrigues de Amorim e Manuela Rodrigues Fantinato, no artigo “Mulheres que desenharam o Brasil: construindo uma memória política do país”, traçam um panorama sobre “momentos políticos do país a partir do humor gráfico produzido por mulheres cartunistas, brasileiras e/ou naturalizadas, que atuaram na imprensa tradicional e/ou nas redes sociais”. Nomes como Ciça, Hilde Weber, Laerte, Marília Marz e Carol Ito compõem esse conjunto de mulheres que interpretaram - e continuam interpretando - o Brasil nos últimos 70 anos.

Avançando um pouco mais, chegamos a Miriam Alves e Conceição Evaristo, duas escritoras que são expoentes máximos da literatura negro-brasileira contemporânea. Em “Escrita de mulheres negras na literatura brasileira: uma leitura de “Regina Anastácia”, de Conceição Evaristo”, Lucas Toledo de Andrade apresenta sua leitura sobre as possibilidades

interpretativas advindas da escrita produzida por mulheres negras. Para isso, concentra-se no conto “Regina Anastácia”, presente no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Por outro lado, Cecília Lara da Cruz, em “Erotismo como elaboração de trauma simbólico na poética de Miriam Alves”, investiga como Miriam Alves elabora o trauma simbólico que foi herdado da escravidão e do racismo estrutural, utilizando-se do erotismo e da afirmação do corpo negro feminino como espaço de liberdade e criação.

Nosso percurso compreende também a produção mais recente da literatura brasileira, bem como aquela que está mais à margem dos centros hegemônicos. Em “O fruto permitido: erotismo, decolonialidade e profanação em “As querências de Lilith”, de Mika Andrade”, Monaliza Barbosa Araújo e Tássia Tavares de Oliveira analisam o poema “As querências de Lilith”, de autoria da poeta nordestina e negra Mika Andrade. O artigo investiga as manifestações do erotismo e da profanação, sob a perspectiva do feminismo decolonial.

6

Em seguida, saímos do território brasileiro para pensarmos um nome da literatura haitiana contemporânea. Amanda Maria Elsner Matheus, Gilmei Francisco Fleck e Tatiane Cristina Becher, no artigo “Autoria feminina não-branca e formação de leitores literários decoloniais: insurgências do passado colonial em *Anacaona, Golden Flower* (2005), de Edwidge Danticat”, apresentam uma leitura sobre essa importante escritora caribenha. O artigo analisa como a narrativa de Edwidge Danticat “reinscreve vozes silenciadas e tensiona discursos hegemônicos de gênero, raça e território, capazes de desestabilizar a colonialidade.”

Por fim, terminamos nosso caminho de leitura com um diálogo entre a Brasil e Chile. Leila Cristina de Melo Darin e Maria Jodailma Leite, em “Vozes femininas subjugadas e insurgentes nos romances *Louças de família*, de Eliane Marques e *Limpa*, de Alia Trabucco Zerán” investigam como as duas escritoras produzem obras que expõem “desigualdades e reinterpretam as experiências sob a ótica do explorado.”

Na seção “Olhares”, o professor Artur de Vargas Giorgi apresenta o ensaio “A leitura do mundo”, cuja ideia principal é apresentar uma “noção expandida de leitura, compreendida não apenas como meio de decodificação da linguagem, mas sobretudo como a condição mais básica do devir humano”.

Trazemos também o artigo “Este rio que não é um rio: uma análise eco-decolonial de Selva Almada” de José Veranildo Lopes da Costa Junior e Yasmin de Andrade Alves, que investiga de que “modo a construção narrativa de Não é um rio, da escritora argentina Selva Almada (2021), contribui para os estudos decoloniais latino-americanistas”.

Por fim, Talita J. Rodrigues traduz o breve ensaio “A realidade e a ficção”, do escritor, historiador e jornalista peruano José Carlos Mariátegui. No texto, Mariátegui faz uma crítica ao velho realismo, propondo uma literatura que avance pelo inverossímil, pela fantasia, que assuma um outro olhar sobre o que seria a realidade.

7

Assim, fechamos mais esse número da Revista Landa. No livro Convoque sua deusa, Laura Castro nos diz: “quando o mundo encarna as palavras / urgentes / e elas contaminam uma multidão / estão ali: / modos de encantar a vida.” Os artigos aqui publicados são leituras múltiplas sobre algumas dessas mulheres plurais, mulheres que encarnaram e encarnam palavras urgentes e seguem encantando a vida.

Boa Leitura

Equipe Editorial Revista Landa